

# Situação desconfortável para a economia

Herbert Levy \*

Ao passo que a equipe econômica do governo cedeu no que diz respeito às absurdas taxas de juros, embora elas se mantenham acima do normal, não houve progresso na defasagem cambial e esta continua atingindo gravemente setores importantes da produção industrial.

Leio na

Gazeta Mercantil, em inglês (International Weekly Edition), o resumo de um

estudo de 52 páginas encabeçado por Luiz Carlos Delben Leite, diretor da Associação das Indústrias de Máquinas e Equipamentos, Abimaq, entregue ao ministro do Planejamento, Antônio Kandyb, e à direção do BNDES.

Ele dá bem a medida do que tenho denunciado nestas colunas como altamente negativo para a economia e que reclama uma séria

mudança de rota. De acordo com a Abimaq, a produção de maquinaria e equipamento caiu de R\$ 19,26 bilhões em 1990 para R\$ 14,4 bilhões em 1996. No mesmo período, a importação de bens de capital aumentou 173,8%, de R\$ 2,41 bilhões para R\$ 6,6 bilhões. O número de empregados afundou 39,3%, de 300.300 em 1990 para 182.200 em 1996.

**A produção de maquinaria e equipamento caiu de R\$ 19,26 bi em 1990 para R\$ 14,4 bi em 1996**

Em consequência, a fatia de produção local de bens de capital caiu a 63% no ano passado ante 76% em 1994 e 94% em 1980. A Abimaq adverte que em 1997, se o governo não se dispuser a agir, a divisão será de 50% de produtos domésticos e 50% de importações.

O estudo desafia a asserção da equipe econômica de que a importação de bens de capital é benéfica porque moderniza a capacidade manufatureira do País, estimulando exportações no fu-

turo. Este é simplesmente um argumento de cabo-de-esquadra que não podia constar de uma contestação de autoridades constituídas, as quais simplesmente não reconhecem seus erros e responsabilidades, agarrando-se a argumentos descabidos e totalmente contrários ao interesse nacional.

A Abimaq, que representa cerca de mil empresas, pede ao governo que adote medidas que estimulem exportações e estimulem a competitividade e capacidade tecnológica das indústrias locais.

Entre as muitas distorções que aponta, cita 3.500 de uma lista de 5 mil produtos, que são isentos de impostos de importação. Sob um outro aspecto, o do custo de pessoal execu-



tivo, a União está colhendo frutos em seu empenho de reduzi-lo, conforme ainda a International Weekly Edition deste jornal, do dia 5 de maio:

"Seis meses após a divulgação de 22 medidas visando à redução dos custos de pessoal, o governo federal obteve resultados positivos. O ministro da Administração informou que a folha de pagamento do Executivo encolheu 5,5%, de R\$ 22,51 bilhões ao ano de abril de 1995 até março de 1996 para R\$ 21,28 bilhões ao ano de abril de 1996 até março de 1997. A economia poderá liberar cerca de R\$ 4 bilhões para gastar no programa social do governo".

Outro informe que retiro da Gazeta Mercantil em inglês e que beneficia a administração federal é que "desde o início do Plano

Real, em meados de 1994, o salário nominal do pessoal empregado em seis das principais regiões metropolitanas cresceu 70%, de acordo com dados compilados pelo IBGE. Os dados do IBGE mostram que o salário mensal dos trabalhadores em julho de 1994 era em média de R\$ 447,32, ao passo que em janeiro deste ano essa cifra era de R\$ 780,32. Para os trabalhadores não registrados o ganho foi de 111%.

"A informação também indica que a tendência de queda do número de trabalhadores em manufaturas que começou em 1987 persiste, ao mesmo tempo que o setor de serviços continua recrutando mais e mais gente. "Finalmente, à medida que o número de trabalhadores por conta própria e os não-registrados cresceu 3,9% e 2,8%, respectivamente, neste janeiro sobre o mesmo mês em 1996,

o número de trabalhadores plenamente beneficiados continua a cair."

Neste mês de maio, a Abimaq terá um seminário em São Paulo com membros do governo, oportunidade adequada para mexer em algumas feridas. O presidente Luiz Carlos Delben Leite manifesta seu descontentamento com a falta de repercussão das queixas

**A Abimaq devia aproveitar o seminário em São Paulo para mexer em algumas feridas**

do setor, tanto no governo quanto na mídia. Só agora existe uma efervescência.

Ela tem propostas para aliviar o setor do mau pedaço que atravessa. Desnecessário salientar a responsabilidade das autoridades econômicas para medidas de apoio. Basta lembrar que não haveria crise alguma, não fossem as grandes distorções pelas quais são responsáveis essas autoridades. ■

\* Presidente do conselho de administração da Gazeta Mercantil.